

A Teia de Roberto Bolaño: uma análise da narrativa hipertextual

Luciana Medeiros Teixeira

Universidade de Brasília

Resumo

Ao navegar na internet, encontramos palavras sublinhadas e em cores diferentes que, quando clicadas, nos levam a outros textos ou imagens. São os *links* ou hipertextos – termo criado na década de sessenta pelo filósofo norte-americano Theodor Holm Nelson para designar uma escrita não sequencial ou um sistema que permite a organização de modo não linear. Para muitos teóricos, o termo surgiu no campo da informática e não existe sem ela. No entanto, a ideia de hipertexto nasceu na Idade Média com as chamadas *marginalia* – anotações feitas pelos leitores no canto de páginas de livros. A hipertextualidade não necessita, portanto, de aparatos tecnológicos para existir e podemos encontrar essas narrativas hipertextuais na obra do escritor chileno Roberto Bolaño. Neste artigo, examinaremos as pontes, ou *links* criados pelo autor em *A Literatura Nazi na América*, *Estrela Distante*, *Chamadas Telefônicas* e *Os Detetives Selvagens*.

Palavras-chave

Hipertexto; hipertextualidade; literatura; Roberto Bolaño; literatura contemporânea.

Abstract

By searching the web we find underlined words and in different colors that take us to other texts or images when clicked. They're the links or hypertexts - term created in the sixties by the North American philosopher Theodor Holm Nelson to designate a non-sequential writing or a system that allows the organization in a non-linear manner. For many theorists, the term first appeared in the computer area and can't exist without it. However, the hypertext idea was born in the Middle Ages with the so called marginalia - notes made by readers in the corner of book pages. The hypertextuality doesn't need, therefore, technological devices to exist and we can also find these hypertextual narratives in the work of the Chilean writer Roberto Bolaño. In this article, we'll analyze the links created by the author in *Nazi Literature in the Americas*, *Distant Star*, *Telephone Calls* and *The Savage Detectives*.

Key words

Hypertext; hypertextuality; literature; Roberto Bolaño; contemporary literature.

Introdução

O hipertexto aparece, pela primeira vez, na obra *Literary Machines*, escrita pelo pesquisador norte americano Theodor Holm Nelson. De acordo com ele, o termo deve ser aplicado a uma escrita não sequencial, uma rede interligada de nós que os leitores podem percorrer de forma não linear. O hipertexto é, desta maneira, um texto em paralelo, mas que possui elos conceituais que o ligam a um texto principal.

Com o advento *World Wide Web* o termo passou a fazer parte do novo espaço global. Os teóricos do texto informatizado o classificaram “como um sistema não hierárquico, capaz de efetuar a classificação e a seleção de informações através de associações, arroladas todas por um só mecanismo, e disponibilizadas num complexo banco de dados no computador” (NEITZEL, 2002 p.04).

Lévy (1993) nos dá uma definição mais simples. De acordo com ele os hipertextos são os *links*, ou seja, as palavras sublinhadas e em cores diferentes que encontramos na internet e que, quando clicadas, nos levam a outros textos ou imagens.

“Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. (...) Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível” (LÉVY, 1993 p.33).

Para muitos pesquisadores e entusiastas da tecnologia, o hipertexto é uma novidade da era pós moderna. Nietzel (2002) lembra que para Ilana Snyder (1997) o hipertexto existe somente on-line, ou seja, no computador. “Ela o define como uma estrutura composta por blocos de textos conectados por links eletrônicos , os quais oferecem diferentes trilhas para os usuários” (NIETZEL, 2002 p.05).

No entanto, como lembra Maria Clara Aquino (2006), a ideia surgiu na Idade Média com as chamadas *Marginalia*, anotações feitas pelos leitores nos cantos das páginas dos livros. De acordo com ela, um dos exemplos de escrita hipertextual do passado são os manuscritos de Leonardo da Vinci, com várias anotações do autor em suas margens.

Neste trabalho vamos adotar o conceito de hipertexto tal como defende Neitzel (2002), ou seja, como um recurso narrativo utilizado para ampliar o potencial do texto escrito e que não depende de nenhum meio eletrônico, mesmo que ao final tenhamos explorado todas as formas do hipertexto.

“Trata-se de uma escrita que se constitui a partir das possibilidades de combinação dos fragmentos, formalizando uma estética hipertextual que, segundo Wandelli, é «caracterizada pela combinação dos princípios de fragmentariedade, interatividade, movimento, interconectividade, heterogeneidade, descentramento, não se reduz [indo] ao aparato tecnológico, mas opera [ndo] junto com ele»" (WANDELLI: 2000, p. 229-230, *apud* Neitzel, 2002 p.06).

A definição de hipertexto formulada por Gerard Genette (2006) vem ao encontro dessa hipótese. Ele entende “por hipertextualidade toda relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto)” (GENETTE, 2006, p. 12). Ou seja, hipertexto é todo texto derivado de um texto anterior.

Para Lévy (1993) o hipertexto também pode ser uma metáfora do pensamento humano, pois conecta idéias e palavras que despertam uma rede de associações na mente humana e demonstra que todo texto é, na verdade, um hipertexto. Seu pensamento está de acordo com o de Jorge Luis Borges que afirma, em *El Libro de Arena*, que “Ya no quedan más que citas. La lengua es un sistema de citas” (BORGES, 1998 p.41).

E este conceito de hipertexto aqui defendido jamais esteve distante da literatura. O discurso hipertextual, inacabado, fragmentário, em constante estado de reescritura sempre esteve presente na história da literatura. Num elenco de profetas da cibernética, como cita Mucci (2010), inscrevem-se Roland Barthes, Marcel Proust, Stéphane Mallarmé, Virginia Woolf, James Joyce, Fernando Pessoa, Jorge Luis Borges, Paulo Leminski, e por que não Roberto Bolaño.

Segundo a análise de Alexis Candia (2005), o escritor chileno estabelece, no conjunto de sua obra, fios que se unem e projetam uma estrutura maior. São relações hipertextuais que passam por processos de duplicação e reescritura. Como acontece com o capítulo final de *A Literatura Nazi na América*, duplicado e reescrito em *Estrela*

Distante. Os personagens e histórias revisitadas são pontes que Bolaño usa para ordenar e interligar sua obra literária.

Neste artigo, examinaremos as relações hipertextuais presentes em *A Literatura Nazi na América*, *Estrela Distante*, *Chamadas telefônicas* e *O Detetives Selvagens*. Mas, cabe destacar, que as relações de hipertextualidade e intertextualidade internas estão presentes em toda a obra de Bolaño, que também mantém vínculos intertextuais externos com obras de outros autores como Jorge Luis Borges.

Palimpsesto: A Literatura Nazi na América e Estrela Distante

Entre as quatro obras analisadas a primeira a ser publicada, em 1996, foi *A Literatura Nazi na América*. Na obra Roberto Bolaño escreve, nas palavras do autor, “una antología vagamente enciclopédica de la literatura filonazi producida en América desde 1930 a 1996, un contexto cultural que, a diferencia de Europa, no tiene consciencia de lo que es y donde se cae con frecuencia en la desmesura”. *A Literatura Nazi* reúne, como nos dicionários literários, variadas resenhas fictícias sobre a vida e a obra de autores inexistentes. No entanto, podemos compreendê-la como uma paródia da história real da literatura no continente.

Em seu último capítulo encontramos a história do infame escritor chileno Carlos Ramírez Hoffman, piloto da Força Aérea Chilena (FARCH) que escrevia poemas no céu. Ramírez Hoffman também se fazia passar por Emilio Stevens, poeta que freqüentava a oficina literária de Juan Cherniakovski em Concepción junto com as gêmeas María e Magdalena Venegas. Certo dia, o piloto realiza uma exibição de poesia aérea seguida de uma tenebrosa exposição de fotos. O resultado foi desastroso e Ramírez Hoffman desaparece. Chile o esquece. Mas um ex-colega de oficina literária decide procurá-lo.

Cecilio Macaduck, poeta que trabalha em uma sapataria, começa a procurar vestígios de Ramírez Hoffman em diversas revistas. Encontra textos que refletem as teorias do poeta infame, mas não consegue localizá-lo.

É então que aparece o detetive Abel Romero, um dos policiais mais famosos da época de Salvador Allende. Romero começa a procurar Ramírez Hoffman e Cecilio Macaduck lhe entrega o endereço de seu amigo Bolaño em Barcelona. O detetive procura o narrador-personagem e pede ajuda para localizar o poeta desaparecido. Romero entrega a Bolaño algumas revistas de literatura e quatro vídeos pornográficos para que ele tente encontrar pistas sobre o paradeiro de Ramírez Hoffman. Segundo o detetive, R. P. English, operador de câmera que trabalhou nas produções pornográficas, seria o escritor foragido.

Publicada poucos meses depois, *Estrela Distante* começa com uma referência direta à primeira obra: “En el último capítulo de mi novela *La Literatura nazi en América* se narraba tal vez demasiado esquemáticamente (no pasaba de las veinte páginas) la historia del teniente Ramírez Hoffman, de las FARCH” (BOLAÑO, 2010 p.11). De acordo com o autor, *Estrela Distante* traz a mesma história contada de maneira mais abrangente.

As duas obras dialogam em uma relação palimpsêstica, ou hipertextual de acordo com o conceito genettiano. Segundo Genette:

“Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado entendemos por palimpsestos (mas literalmente hipertextos) todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação” (GENETTE, 2006 p.6).

Em *Estrela Distante*, o último capítulo de *A Literatura Nazi* é reescrito. Mas a reescritura não se dá de maneira completa, ainda podemos ler a mesma história por transparência. Retomando *A Literatura Nazi*, encontramos no primeiro parágrafo:

“La carrera del infame Ramírez Hoffman debió comenzar en 1970 o 1971, cuando Salvador Allende era presidente de Chile.

Casi con toda seguridad asistió al taller de literatura de Juan Cherniakovski en Concepción, en el sur. Entonces se hacía llamar Emilio Stevens y escribía poemas que Cherniakovski no desaprobaba aunque las estrellas del taller eran las gemelas María y Magdalena Venegas, poetisas de Nacimiento, de diecisiete años, tal vez

dieciocho, estudiantes de sociología y psicología respectivamente” (BOLAÑO, 2010 p. 189).

O primeiro parágrafo de *Estrela Distante* apresenta a mesma história, mas com nomes diferentes:

“La primera vez que vi a Carlos Wieder fue en 1971 o tal vez en 1972, cuando Salvador Allende era presidente de Chile.

Entonces se hacía llamar Alberto Ruiz-Tagle y a veces iba al taller de poesía de Juan Stein, en Concepción, la llamada capital del Sur” (BOLAÑO, 2010 p. 13)

Pouco depois encontramos as gêmeas poetisas:

“Eran, lo admito, las mejores. Verónica y Angélica Garmendia, tan iguales algunos días que era imposible distinguirlas y tan diferentes otros días (pero sobre todo *otras* noches) que parecían mutuamente dos desconocidas cuando no dos enemigas”. (BOLAÑO, 2010 p. 15) grifo do autor.

Entre os outros personagens principais encontramos uma mudança significativa no nome do amigo de Bolaño, o poeta que trabalha na sapataria, que passa a se chamar Bibiano O’Ryan em vez de Cecilio Macaduck. R. P. English, o operador de câmera dos filmes pornográficos, e o detetive Abel Romero mantêm os mesmos nomes.

Pontes ou links que interligam as quatro obras

Em *Estrela Distante* temos, como dito anteriormente, uma ampliação da história apresentada originalmente em *A Literatura Nazi na América*, e nela encontramos novas situações e personagens. Entre as novidades temos a presença de Joanna Silvestri, atriz que trabalhou com R. P. English. Abel Romero, após deixar Bolaño encarregado de assistir aos quatro filmes, visita a atriz em uma clínica de Nimes. Joanna descreve o câmera, mas não pode fazer nada mais para ajudar nas buscas. Seu relato ocupa, em *Estrela Distante*, apenas três páginas.

No entanto, e quase como de costume, a história de Joanna Silvestri é retomada, agora com mais detalhes, no penúltimo conto da obra *Chamadas Telefônicas* publicada em

1997. Para aqueles que leram *Estrela Distante* é fácil reconhecer a história no primeiro parágrafo:

“Aquí estoy yo, Joanna Silvestri, de 37 años, actriz porno, postrada en la Clínica Los Trapecios de Nîmes, viendo pasar las tardes y escuchando las historias de un detective chileno. ¿A quién busca este hombre? ¿A un fantasma? Yo de fantasmas sé mucho, le dije la segunda tarde, la última que vino a visitarme, y él compuso una sonrisa de rata vieja, rata vieja que asiente sin entusiasmo, rata vieja inverosíblemente educada” (BOLAÑO, 1997 p.74).

Após este parágrafo a atriz começa a recordar episódios de sua vida e a contar sua própria história. No final do conto a relação com *Estrela Distante* é retomada:

“Conocí a R. P. English en alguno de mis múltiples rodajes por las tierras de Italia, pero su rostro ya hace mucho se instaló en la zona de las sombras. Y el detective me dice está bien, conforme, tómele su tiempo, madame Silvestri, por lo menos lo recuerda, eso ya es algo para mí, ciertamente no es un fantasma. Y entonces estoy tentada de decirle que todos somos fantasmas, que todos hemos entrado demasiado pronto en las películas de los fantasmas, pero este hombre es bueno y no quiero hacerle daño y por lo tanto me quedo callada. Además, quién me asegura a mí que él no lo sabe” (BOLAÑO, 1997 p.80)

Temos, então, uma ampliação do que foi contado em *Estrela Distante*. Uma continuação ou mesmo um *link* hipertextual como os presentes no meio eletrônico. Ou seja, se analisarmos a obra impressa detectamos a hipertextualidade genettiana: “toda relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto)” (GENETTE, 2006 p.12). No entanto, podemos facilmente transpor a obra para o meio eletrônico.

Se criarmos uma página na internet e publicarmos *A Literatura Nazi na América*, poderíamos criar um *link* “saiba mais” que nos remeteria a *Estrela Distante*. Na página do texto de *Estrela Distante* poderíamos criar vários *links*. Se destacássemos o nome de Joanna Silvestri poderíamos remeter o leitor cibernético ao conto de *Chamadas Telefônicas*. Se o nome R. P. English fosse destacado o leitor poderia escolher entre retornar a *A Literatura Nazi na América* ou talvez a *Estrela Distante*. Mas se Abel Romero estivesse em destaque teríamos as três obras interligadas, além de uma quarta obra: *Os Detetives Selvagens* de 1998.

Abel Romero é o único personagem presente nos quatro relatos. Porém, em *Os Detetives Selvagens* não encontramos nenhuma outra relação com as demais obras. O nome do personagem é citado no título de um capítulo e depois não encontramos qualquer outra referência. No entanto, é um personagem revisitado, um nome reutilizado e que nos remete ao personagem das outras três obras. Sendo assim, vemos Abel Romero como a grande ponte de ligação criada por Roberto Bolaño para interligar os relatos.

Hipertextualidade e interatividade

Para concluir esse artigo precisamos abordar a interatividade hipertextual. A pesquisadora Fabiana Komesu (2005) cita a obra SZ de Roland Barthes como uma das mais importantes no estudo do hipertexto. Barthes “decompõe a novela Sarrasine de Honoré de Balzac em 561 unidades (lexias) para o trabalho de uma leitura plural, isto é, sem ordem de entrada. Ao leitor cabe a escolha dos caminhos a serem seguidos para o deleite de sua atividade, de modo a tornar-se, ele próprio, autor do texto” (KOMESU, 2005 p.03).

O leitor da obra de Bolaño compartilha esta interatividade, pois também pode escolher o caminho que vai percorrer. Podemos conhecer a história do poeta infame que escrevia versos no céu de várias maneiras. Consciente ou acidentalmente, podemos começar a leitura por *A Literatura Nazi* e depois passar a *Estrela Distante*. Da mesma maneira que podemos começar por *Chamadas Telefônicas* ou *Os Detetives Selvagens*. O leitor está livre para trilhar o seu próprio caminho dentro das possibilidades que a hipertextualidade lhe proporciona.

Bibliografia

AQUINO, Maria Clara. Um resgate histórico do hipertexto: o desvio da escrita hipertextual provocado pelo advento da Web e o retorno aos preceitos iniciais através de novos suportes. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2006.

BOLAÑO, Roberto. Llamadas Telefónicas. Editorial Anagrama. Barcelona, 1997.

BOLAÑO, Roberto. Los Detectives Salvajes. Editorial Anagrama. Barcelona, 1998.

BOLAÑO, Roberto. La Literatura Nazi en América. Editorial Anagrama. Barcelona 2010.

BOLAÑO, Roberto. Estrella Distante. Editorial Anagrama. Barcelona, 2010

BORGES, Jorge Luis. El Libro de Arena. Alianza Editorial, S.A. Madrid, 1998.

CANDIA, Alexis. Tres: Arturo Belano, Santa Teresa y Sión. Palimpsesto total en la obra de Roberto Bolaño. Espéculo. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid, 2005.

GENETTE, Gerard. Palimpsestos: a literatura de segunda mão. Estratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. UFMG – Faculdade de Letras. Belo Horizonte, 2006.

KOMESU, Fabiana. Pensar em Hipertexto. Interação na internet: novas formas de usar a linguagem, organizado por Júlio César Araújo e Bernardete Biasi-Rodrigues (Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.87-108).

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MUCCI, Latuf Isaías. Para uma retórica do hipertexto. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 11 - 20, jan./jul. 2010

NEITZEL, Adair de Aguiar. O Jogo Das Construções Hipertextuais. Universidade Federal De Santa Catarina, 2002. Tese de Doutorado.

NELSON, T. H. http://www.literarymachine.com/lm_index2.htm Acesso em: 10 oct. 2011.

SNYDER Ilana. Hypertext: the electronic labyrinth. New York: New York University Press, 1997.